

MÃES DE DESAPARECIDOS

RELATOS SOBRE A AUSÊNCIA DE RESPOSTAS



WALACE DE JESUS

Mães de desaparecidos

*Relatos sobre a ausência
de respostas*

Walace de Jesus

Jesus, Wallace de

Mães de desaparecidos: relatos sobre a ausência de respostas / Wallace de Jesus. – 1. ed. – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2024.

85 p.

Inclui bibliografia e fotos.

ISBN: (aguardando emissão)

Revisão de Vivian Mota

*Dedico este livro a todas as mães que,
em busca dos seus filhos e filhas,
encontram mais perguntas
que respostas.*

Sumário

Um livro-reportagem.....	7
Dúvidas no peito.....	14
Letras que se apagam.....	22
Muita burocracia	31
Luto sem sepultura	42
Ferida que não cicatriza	50
Ações imediatas em caso de desaparecimento	67
Referências Bibliográficas	80



UM LIVRO-REPORTAGEM

Meu nome é Wallace de Jesus, tenho 23 anos e sou natural de Poções, BA, mas paulista por vivência. Apresento este livro-reportagem-depoimento como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da professora Mônica de Fátima Rodrigues Nunes Vieira.

“Mães de desaparecidos: relatos sobre a ausência de respostas” é um trabalho acadêmico que perdurou em ideias durante toda a graduação até a materialização.

Incomoda-me as estatísticas atuais sobre o desaparecimento de pessoas e a falta visibilidade do tema. É latente e cotidiano e há mais perguntas do que respostas.

De acordo com o Mapa de Segurança Pública de 2024 (ano base 2023), o número de pessoas desaparecidas no Brasil ao longo

de 2023 foi de 82.287. Desse total, 63% são homens, 36% mulheres e 1% não tem o gênero informado no registro.

Já o Mapa de Desaparecidos no Brasil de 2023 mostra que, em média, 183 pessoas desaparecem por dia no país, sendo 29% dos casos jovens adolescentes de 12 a 17 anos. Em relação a cor, pessoas negras representam 54% do total de desaparecidos e apenas 45% das pessoas localizadas.

A região sudeste é a que lidera em número de desaparecidos com, aproximadamente, 41% do total dos casos do ano passado. A segunda região com maior número de casos é a Sul, com pouco mais do que 25% do número total do país. Já a região Norte é a que tem o menor número de casos do Brasil.

Estatísticas. Números. Porcentagens.

Eu poderia trazer para esta introdução dezenas de centenas de milhares de estatísticas que me fazem refletir sobre as falhas da segurança pública no Brasil em prevenir o desaparecimento de pessoas, sejam elas adultas, adolescentes ou crianças, mas outro ponto importante me atormenta. Muito mais sobre o “que” ou o “quanto”, percebo a desumanização do tema por meio de estatísticas e escolhi me debruçar neste livro mais sobre o “quem”.

Mãe. Pessoa que dá origem à prole, cria ou cuida de alguém ou algo.

Eu tenho consciência da diversidade de configurações familiares e, por essa razão, não me atrevo a extinguir a definição do termo. Para o contexto deste livro, o termo mãe é empregado como a parental feminina da pessoa desaparecida. Assim, colhi e compilei neste livro relatos de cinco mães

que buscam por respostas sobre a ausência inesperada dos seus filhos e filhas do ambiente familiar.

Aproveito aqui para agradecer à Ana Paula, à Maria Socorro, à Ivanise Espiridião, à Vera Lúcia e à Elaine Monteiro por compartilharem sobre essa dor tão única e inexplicável. Burocracia, esperança, culpa e incerteza são palavras-chave nos relatos.

Desenvolvi o livro-reportagem-depoimento a partir do relato e da luta dessas mulheres e mães em busca de respostas. Este é um produto jornalístico pertinente ao jornalismo contemporâneo, uma vez que, conforme Lovizon e Victor (2020), se atém a cobrir o tema e a “impedir a opacidade ou a invisibilidade das crises humanitárias”.

Agradeço também a quem acreditou neste projeto desde a sua concepção: minha mãe,

meus irmãos, meu namorado, minha orientadora e meus amigos pelo apoio, incentivo e confiança durante esta jornada.

Para minha formação, sigo com a definição de Traquina: “jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (2005, p. 26). Por meio deste livro busco retratar a realidade dessas mães.

Caso reconheça algum rosto presente neste livro, por favor, entre em contato com o Mães da Sé através do site www.maesdase.org.br ou pelas redes sociais @maesdase. Utilize também o canal no Instagram do Mães em Luta @mães.em.luta_.

Boa leitura!



**DÚVIDAS
NO PEITO**

Meu nome é Ana Paula Pulga. Sou professora, tenho 54 anos e sou mãe do Luiz Felipe Pulga, que desapareceu no dia 15 de junho de 2018 perto de Interlagos, SP.

Em alguns momentos eu penso que isso tudo que eu estou passando é um grande pesadelo e que tudo vai se resolver e ele vai aparecer e vai me dar uma resposta sobre tudo isso que aconteceu com ele.

Eu tenho que ir atrás. No começo é uma movimentação muito ativa, mas com o passar do tempo você percebe que quem realmente fica é a **mãe**.

Luiz Felipe Puga desapareceu com 24 anos.
Neste ano, Luiz completa 30 anos.

O dia do desaparecimento dele era para ser um dia normal na nossa vida. Ele estava na fase de um novo emprego. Ele pediu o carro

emprestado a um familiar para ir fazer a entrevista de emprego e saímos de casa juntos. Ele me deixou no trabalho.

Ao longo do dia ele foi me falando sobre o dia dele, sobre o que ele fez e o que deixou de fazer. No final do dia ele perguntou se eu gostaria que ele me buscasse no trabalho, porém eu disse que não precisava. Mais tarde, ele me falou que estava finalizando uma prova na faculdade. E, então, combinamos de nos encontrar em casa para conversar sobre o novo emprego dele.

Luiz estudava engenharia elétrica na Universidade Paulista (UNIP) da Chácara Santo Antônio. Estava no último semestre do curso.

Depois das 20h35 eu mandava mensagem para saber onde ele estava, mas ele não respondia. Ele não chegou em casa.

Aquele foi o último dia que conversamos.

Sempre penso que é um grande mix de sentimentos ter um filho desaparecido. Em muitos momentos eu tenho pensamentos negativos. Em outros eu tenho esperança de reencontrá-lo e, mais do que isso, entender o que aconteceu nesse meio do percurso, nesse meio do caminho.

Nenhuma mãe espera passar por essa situação e muito menos entrar para uma estatística do estado. Estatísticas são só dados. É uma grande dor pensar que um filho passa a ser apenas um número para o governo. Eu não quero pensar isso do Luiz.

Em 2023, 82.287 pessoas desapareceram. Do total, 63% eram homens e 64,4% eram maiores de idade (de 18 a 59 anos).

É um sentimento de dor incurável.

Em muitos momentos não me senti nem pertencente à nossa sociedade. Sem contar a solidão e o sentimento de incapacidade de fazer algo em prol de descobrir o que aconteceu ou de onde ele está.

É uma grande falta de respostas. É até difícil falar de luto porque é um grande dilema entre saber se ele está vivo ou não, se está trabalhando, se está bem ou não. São dúvidas no meu peito.

O que eu tenho de apoio são ONGs, os grupos Mães da Sé e União de Vítimas, que dão todo o apoio, todo o subsídio em prol de encontrar o meu filho e outros também.

A Mães da Sé foi um dos grupos que me acolheram no início. Foi um apoio primordial, tanto na questão psicológica como civil, na divulgação dos cartazes, das fotos e de falar em uma reportagem. Eu

esperava uma resposta da justiça, mas os anos passaram e até então eu vejo que nada foi feito por parte do Ministério Público ou das delegacias. Eu espero uma resposta. Eu digo que é um luto indefinido. O luto por ele não estar presente, por não poder escutar a voz dele, de sentir o cheiro.

Familiares de pessoas desaparecidas vivem o luto ambíguo: sentimento desconcertante de perda que não se sabe se é temporária ou definitiva.

Mãe que é mãe coloca a mão na massa. Corre, vai atrás, busca. Mas confesso que é difícil fazer tudo isso sozinha.

Nós perdemos seis anos de vida juntos. São seis anos de busca, de luta e de luto. Mas eu continuarei até encontrar uma resposta.

Caso reconheça algum rosto presente neste livro, por favor, entre em contato com o Mães da Sé através do site www.maesdase.org.br ou pelas redes sociais @maesdase. Utilize também o canal no Instagram do Mães em Luta @mães.em.luta_.

22

**LETRAS QUE
SE APAGAM**

Meu nome é Eliane Trindade Pires Nascimento, tenho 60 anos, sou profissional do lar, casada e tenho dois filhos. Um deles é o Ailton Botelho, que desapareceu no dia 03 de março de 1999 em Carapicuíba, SP.

O Ailton tinha algumas questões. Ele não sabia ler nem escrever e ele tinha problemas de memória atrasada. Tomava remédio controlado. Não era de rua, não fumava nem bebia. Era como se fosse uma criança por causa da memória. Tudo atrasado.

Era um menino feliz. Lembro como se fosse hoje um dia que nós fomos fazer compras e lá ele pediu para escolher a peneira de escorrer suco que iríamos comprar. Ele me perguntou:

— *Mãe, posso escolher a cor?*

Ele escolheu a cor de abóbora.

E essa peneirinha eu tenho lá até hoje. Velha, velha. Desde quando ele desapareceu que essa peneirinha eu não uso e ela fica guardada lá.

A gente estava na festa de aniversário do próprio Ailton. Ele estava completando 19 anos e essa festa foi no dia 27 de fevereiro de 1999, três dias após o aniversário dele.

Ele pediu para dançar uma moda comigo e eu dancei. Olha que incrível, parecia a música da despedida. Mais tarde ainda na festa ele me pediu para ir para a casa do pai, que fica em Carapicuíba. Ele me disse:

— Fico lá com meu pai e na outra semana a senhora me pega.

E assim foi feito. Acabou a festa, ele dormiu na minha mãe e eu fui embora para Santo

André. Ele ficou em Taboão da Serra, SP, onde a festa aconteceu.

A minha ex-cunhada estava lá para levar todos eles no domingo pela manhã. Eles tomaram o café e foram. Aí ele ficou domingo, sábado, segunda e terça.

Os dias da semana que as pessoas mais desaparecem são sexta-feira e sábado.

Eu não soube na quarta-feira que ele tinha desaparecido porque ele saiu 10 horas da manhã na quarta, mas eles só deram falta dele na hora do almoço. À tarde não apareceu. À noite não apareceu.

Me disseram que na quarta-feira ele tomou café, pôs a camiseta, um chinelo de dedo, uma bermuda, boné e o *walkman*, moda da época. Ele avisou minha ex-cunhada que

estava saindo de casa que voltava logo. Nunca voltou.

Na quinta-feira cedo me ligaram no meu trabalho falando que ele tinha desaparecido. Aquela quinta-feira foi o fim. Naquele dia mesmo eu perdi o emprego.

Aí eu fui pra Carapicuíba, fiz o BO naquele mesmo dia e estou na procura dele até hoje. Essas primeiras semanas de buscas foram muito difíceis para mim porque era só eu para procurar mesmo. Na mesma quinta-feira meu esposo me acompanhou pela cidade de Carapicuíba, fomos em vários Institutos Médico Legal em São Paulo, andamos o dia inteiro.

Mas não encontramos nenhuma pista sobre o que pode ter acontecido com ele. Nos dias seguintes eu andava que nem uma doida procurando por ele. Dentro do trem,

olhando para lá, olhando para cá. Cada pessoa que eu visse lá fora do trem, eu achava que já era ele. Já estava ficando alucinada de tanto procurar. Até escondida do meu marido eu saía para procurar pelo meu filho. Para mim foi uma semana de perturbação.

De lá para cá eu fiquei doente várias vezes. Agora eu tenho pressão alta e passei por muitas cirurgias. Nós, mães, ficamos com a saúde fragilizada diante dessa situação. É difícil porque a incerteza para nós, mães, é um negócio que machuca muito e magoa.

Além disso, o desaparecimento do meu filho afetou em tudo. Na hora que eu vou dormir, na hora que eu vou tomar banho, na hora que eu vou comer... Nos dias que está frio. Eu vejo as reportagens na televisão das pessoas em situação de rua e penso no meu filho. Será que ele está quentinho, de banho

tomado, alimentado? Eu queria que estivesse junto comigo.

O desaparecimento dele completa 25 anos em 2024 e é uma luta para renovar algumas questões jurídicas. O tempo passa e preciso renovar o Boletim de Ocorrência na delegacia, mas lá eles negam. Eu vou atrás e mesmo com as letras do papel já apagadas eles não ajudam, não renovam.

Às vezes eu sinto que é isso o que eles mais querem: que as letras se apaguem, que eu pense que ele morreu, que eu esqueça do meu filho e que a procura pare.

Mas eu não vou parar, não. Me vem uma coisa mais forte do tipo: "Não, desiste não, Eliane, é o seu filho". Aí eu fico mais forte. É o sentimento de mãe. Se eu parar, acho que para tudo. Eu tenho que correr atrás.

Caso reconheça algum rosto presente neste livro, por favor, entre em contato com o Mães da Sé através do site www.maesdase.org.br ou pelas redes sociais @maesdase. Utilize também o canal no Instagram do Mães em Luta @mães.em.luta_.



MUITA BUROCRACIA

Frankelson Adriano Monteiro Feitosa

Meu nome é Maria do Socorro Monteiro Feitosa, sou costureira, mas no momento estou desempregada. Sou casada, tenho 63 anos e sou mãe do Frankelson Adriano Monteiro Feitosa, desaparecido em 26 de janeiro de 1996 na favela do Heliópolis, SP. No total tenho três filhos.

Depois do desaparecimento do Frankelson, a minha vida virou de ponta cabeça. Eu me separei do pai dele e os meus outros filhos ficaram rebeldes. Hoje em dia a minha filha faz terapia porque ela ainda se revolta com o desaparecimento do irmão.

Ele gostava muito de futebol e era corintiano roxo. Nesse dia, dia 26 de janeiro, fomos eu e ele na feira. A gente já tinha feito as compras e na volta para casa ele viu uma camiseta do Corinthians e disse que queria. Só que eu não tinha mais dinheiro.

De qualquer forma, já estava perto do dia 5. Então eu disse:

— Dri, quando a mãe receber te dá o dinheiro e você compra uma camiseta.

Ele não gostava de camiseta de baciada e eu percebi que na hora ele ficou aborrecido por eu não conseguir comprar a camiseta. Mas eu não digo que ele sumiu por causa disso. Eu não sei de nada.

Ele saiu de casa na quarta-feira para jogar futebol no campo do Hospital Heliópolis lá no Ipiranga, em São Paulo, onde eu moro até hoje. Para chegar nesse campo leva cerca de cinco minutos da minha casa.

São Paulo é o estado com o maior número de pessoas desaparecidas em 2023, com 18.421 casos registrados.

Esse foi o contexto do desaparecimento dele. Deixei-o em casa com os irmãos para ir trabalhar e quando retornei não o encontrei mais. Perguntei para a irmã dele onde ele estava e ela disse que ele tinha ido jogar bola no Hospital Heliópolis. Perguntei para as pessoas e muitas disseram que ele tinha jogado e que depois tinha ido embora. Até o momento acredito que ele desapareceu no trajeto de volta para casa.

No mesmo dia eu corri para os hospitais da cidade procurando por ele. Procurei em todos os lugares naquele dia. Na hora de abrir o BO eu quase fui presa. Na delegacia, me disseram que eu tinha que esperar 48h para registrar o desaparecimento dele. Eu gritei de desespero na delegacia.

Os policiais deram até voz de prisão para mim por desacato à autoridade. Eu disse:

— E se fosse o seu filho? Você não esperaria nem um minuto, imagina 48 horas. Se for para me prender, me prenda agora. Estou bem aqui. Mas eu vou gritar, sim. Vou gritar porque é o meu filho.

E foi isso. Lá na delegacia ninguém se importa com a gente. Eles nunca ligam para dar alguma notícia ou atualizar sobre o caso. Muito menos vão atrás de descobrir o que aconteceu. Eles querem que as mães corram atrás. Nesse ponto, a justiça é muito falha. Existe muita burocracia. A justiça não dá importância para esses casos de pessoas desaparecidas. Sem contar que eu fui atrás praticamente sozinha.

Passaram dois meses do desaparecimento do meu filho e eu me separei do pai dele. Ele arrumou uma mulher mais nova do que eu, o que não tinha problema nenhum. Ele foi embora.

Eu fiquei com os meninos e estou buscando pelo Frankelson até hoje.

Eu já cheguei a questionar o pai dele se ele se preocupava de fato com o sumiço do filho dele. Mas ele nunca toca no assunto porque acha que me magoa. Uma vez eu disse:

— *No seu lugar eu perguntaria ao menos se eu tive alguma notícia dele. Que pai você é?*

Da família, só eu mesmo que continuo na luta em busca de respostas sobre o que aconteceu com meu filho. Hoje em dia nenhum familiar pergunta sobre o desaparecimento dele. Talvez seja para não me magoar mais, para não mexer nessa dor de novo. Cada um vive essa dor de um jeito, mas eu não posso esquecer meu filho.

Vivenciei muitas coisas ao longo desses

quase 30 anos de buscas por ele. Informações falsas e muitos trotes.

Uma vez aconteceu um episódio de trote na casa do meu cunhado. Alguém comprou umas roupas novas iguais às que o meu filho estava usando no dia que desapareceu e jogaram no quintal do meu cunhado. Era uma camiseta vermelha, um short de moletom verde e uma chinela de dedo.

As roupas ainda estavam com etiqueta. E para ser sincera, eu não sei o que isso significou, mas eu senti que era um sinal para eu parar de procurar por ele.

Nessa trajetória também encontrei pessoas incríveis que me apoiam até hoje. A Vera Lucia, da Mães em Luta, e a própria Ivanise, do Mães da Sé, me dão muito apoio. Elas ajudam na divulgação e fazem doações para ajudar algumas mães. Muitas mães não

trabalham e não são aposentadas porque vivem essa luta diária em busca dos seus filhos e filhas. Elas nos ajudam. As duas são peças muito importantes na luta. Vivemos a mesma dor. Eu considero as duas como irmãs, irmãs de luta.

Hoje também tenho um parceiro que está comigo há 10 anos. Tenho certeza de que foi Deus que colocou ele na minha vida e ele nunca se negou a me ajudar na procura do meu filho. Ele entra em qualquer lugar comigo e não é o pai e muito menos chegou a conhecer o Frankelson. Mas ele vai atrás comigo em todos os lugares. Faz mais que o pai que não quer saber de nada.

Natal, ano novo, o aniversário dele. São datas que me encham de tristeza e dos piores sentimentos hoje em dia. Eu não comemoro mais. Se transformaram em dias comuns desde o desaparecimento dele.

Para mim, saber que ele está desaparecido é pior do que saber que ele está morto. Porque quando morre, você sofre, mas você sabe que ele está ali. No desaparecimento você não sabe nada. Não sabe como está, onde está, o que aconteceu, não sabe nada. Hoje em dia a foto dele está em vários lugares, principalmente na minha memória.

No final das contas, eu lido com essa situação com esperança. É o que me mantém em pé, a esperança. Sei que um dia ele vai voltar para casa e vou entender tudo o que aconteceu. Eu sei que vou te encontrar, meu filho.

Caso reconheça algum rosto presente neste livro, por favor, entre em contato com o Mães da Sé através do site www.maesdase.org.br ou pelas redes sociais @maesdase. Utilize também o canal no Instagram do Mães em Luta @mães.em.luta_.

A close-up portrait of a young woman with dark hair pulled back, looking directly at the camera with a neutral expression. The image has a textured, slightly grainy appearance, possibly from a newspaper or old photograph. The background is a plain, light color.

LUTO SEM SEPULTURA

Meu nome é Vera Lúcia Ranu, tenho 65 anos e tenho 3 filhos. Um deles é a Fabiana Renata Gonçalves que desapareceu em 12 de novembro de 1992 aos 13 anos de idade no bairro de Jaraguá, SP.

Após o desaparecimento da minha filha, eu comecei a militar na causa das pessoas desaparecidas. Sou uma das fundadoras da Mães da Sé e sou presidente da ONG Mães em Luta, que também discute junto com a sociedade as medidas de prevenção, orientação e os principais meios de busca para encontrar nossos desaparecidos.

A proporção de 63% de homens e 36% de mulheres desaparecidas é semelhante em quase todo o Brasil.

O desaparecimento é invisibilizado não só pelo poder público, mas principalmente pela sociedade. Isso precisa mudar. Pode ser que

amanhã você faça parte dessa estatística também. Ou você, ou seu filho, ou seu familiar. Esse é o nosso grito de desespero. Esse é o nosso grito de guerra. Esse é o grito da nossa luta. Visibilidade! E as mães são as mais sensíveis nas causas. Não que os pais também não sejam, mas as mães veem a situação de outra forma. É como se retirasse um pedaço delas.

As próprias estimativas mostram que as mulheres normalmente começam com o trabalho social. Essa é a contribuição.

Fabiana é a filha mais velha de Vera. Hoje
ela tem 46 anos.

A minha filha saiu de casa por volta das 14h30 para ir à escola. Fabiana estudava na Escola Estadual Ana Siqueira, no bairro do Jaraguá, em São Paulo. Nesse dia não houve aula e os alunos foram dispensados.

Ela não voltou para casa. No mesmo dia comecei a procurar. Minha filha era tranquila. É só ver o quão diferente eram as meninas de trinta anos atrás.

Como eu tenho mais outros dois filhos, o impacto na minha família foi muito grande. Como explicar para duas crianças, uma de três e outra de quatro anos, que de repente a irmã delas sumiu?

Eu, por exemplo, fiquei quase trinta dias na rua procurando pela minha filha. Não consigo nem explicar o que senti nos primeiros dias do desaparecimento dela porque eram sentimentos conflitantes. Imagina explicar para os meus outros filhos o que tinha acontecido.

Com o passar do tempo, eu expliquei para eles, mas no início eu dizia que o homem do saco tinha levado e que uma hora ela ia

voltar. Lembro que respondia essas perguntas deles, sem mesmo saber as respostas das minhas.

Eles passaram por tratamento psicológico por não entender a situação. A família também ficou totalmente sem estrutura. Em um determinado momento eu parei de trabalhar, gastei tudo o que eu tinha para encontrar minha filha e procurar em todos os lugares possíveis.

Para você ter noção, minha família voltou a comemorar festas de fim de ano e aniversários, quase uma década depois do desaparecimento da Fabiana. Meu neto nasceu em 2003 e então a gente chegou à conclusão de que não era justo as crianças passarem pelo mesmo sofrimento que a gente. Claro, sempre é muito doloroso para a gente porque eu sei que sempre vai faltar alguém na mesa.

Infelizmente, por desaparecimento não ser tipificado como crime não há uma investigação efetiva sobre o caso dela. A gente faz o Boletim de Ocorrência e pronto. Ela passa a ser uma estatística.

Infelizmente o BO é só uma notificação de que há uma pessoa desaparecida, mas que depois será arquivado na delegacia.

Nós somos uma parte da sociedade que é invisível. Somos parte de uma estatística horrorosa. Abraço a luta para não abraçar a dor. Não vamos deixar essa dor se transformar em um luto sem sepultura.

Eu passei os últimos 33 anos em busca de respostas. Para mim e para eles. Não importa o tempo, não importa o momento, não importa como ela está ou onde está. Eu vou esperar por ela em todo e qualquer momento da minha vida.

Caso reconheça algum rosto presente neste livro, por favor, entre em contato com o Mães da Sé através do site www.maesdase.org.br ou pelas redes sociais @maesdase. Utilize também o canal no Instagram do Mães em Luta @mães.em.luta_.

Sé
1

50

**FERIDA QUE
NÃO CICATRIZA**

Meu nome é Ivanise Espiridião da Silva Santos, tenho 63 anos e atualmente estou solteira. Tenho formação em direito, mas atualmente atuo como ativista social pela causa das pessoas desaparecidas.

Tenho duas filhas, a Fagna e a Fabiana. Mas no dia 23 de dezembro de 1995 eu voltei para casa e só encontrei uma delas. Fabiana Espiridião da Silva é o nome da minha filha que está desaparecida há quase 30 anos. Ela tinha 13 anos de idade e desapareceu em Pirituba, SP.

Lembro dela como uma menina muito carinhosa e estudiosa. São quase três décadas de procura que eu não aceito viver sem ela. Mas eu tive que aprender a conviver com essa dor.

Nesse dia, minha filha saiu de casa por volta das 20h e foi na casa de uma colega de

escola, a Damaris, que estava fazendo aniversário naquele dia. Ela foi junto com outra amiga, a Luciana. Quando ela saiu eu não estava em casa.

Ao retornar para casa me dei conta que só estava a Fagna. Então eu questionei para minha caçula onde ela estava. Então, ela respondeu:

— Ela foi na casa da Damaris junto com a Luciana e disse que já volta.

Para complicar ainda mais a situação, começou a chover muito forte. Foi um temporal que durou aproximadamente duas horas. Eu deduzi que ela estaria na casa da Luciana esperando o temporal passar para voltar para casa e me tranquilizei.

Depois que a chuva passou, peguei um guarda-chuva e fui com a Fagna na casa da

Luciana buscar minha filha. Quando eu cheguei lá é que veio a surpresa. Disseram que ela tinha saído de lá há muito tempo.

Naquele momento, passaram várias coisas na minha cabeça. A gente acha que a desgraça só bate na porta dos outros.

Uma coisa que dificultou muito a questão do reconhecimento da Fabiana é que eu não tinha muitas fotos dela. Eu não tinha o hábito de tirar fotos das minhas filhas.

Então, quando ela desapareceu, eu não tinha quase nenhuma foto recente dela.

Eu perguntei para a Luciana em que local elas tinham se separado. Ela respondeu:

— *Nós nos separamos em frente ao mercado do bairro.*

Esse mercadinho ficava há 150 metros da nossa casa. Ela desapareceu perto de casa. Eu voltei para casa e tentei entender junto com a Fagna se ela tinha visto algo diferente na rotina dos últimos dias. Depois a mãe da Luciana veio para ajudar e montamos um pequeno mutirão de seis pessoas para procurar pela Fabiana.

O primeiro lugar que procuramos foi na casa da Damaris. Conversei com a mãe dela e ela me disse que elas tinham passado por lá, mas muito rapidamente por conta da chuva que estava se formando.

Depois disso eu comecei a procurar por todas as proximidades da minha casa e a divulgar as características dela. No dia ela estava vestindo uma regata, um short, um relógio que o pai dela tinha dado de Natal, uma gargantilha e um brinco de ouro meu.

O tempo foi passando e nada de encontrar ela. Foi quando eu acordei meu ex-marido lá pelas 2h da manhã. Ele ainda não sabia de tudo porque ele era motorista de ônibus e dormia muito cedo para acordar às 4h da manhã para ir trabalhar. Então eu contei a situação e chamei ele para irmos juntos registrar a ocorrência do desaparecimento da nossa filha. Ele disse:

— *A culpa é toda sua. Se você não tivesse inventado de trabalhar e estudar depois de 'velha', isso não teria acontecido.*

Eu engoli seco essa provocação. Por um momento refleti sobre as minhas escolhas e de fato me culpei pela situação. Mesmo assim repliquei:

— *Não é hora e nem o momento de culpar ninguém. Eu culparia você que estava em casa e não evitou tudo isso.*

A culpa é o primeiro sentimento que nós mães carregamos. Se eu estivesse em casa eu não teria deixado ela sair. Por muito tempo eu carreguei isso, mesmo as pessoas dizendo o contrário. Demorei muito para me libertar desse sentimento.

Depois dessa discussão fomos para a delegacia. Eu cheguei lá, eram quase 3h da manhã da véspera de Natal. O delegado me orientou a voltar para casa e sugeriu que minha filha estivesse com algum namorado. Eu respondi:

— Doutor, uma mãe que dá liberdade para uma adolescente de 13 anos ficar na rua até essa hora da madrugada não vem a sua delegacia pedir ajuda.

Por mais que eu tentasse convencê-lo de que algo grave tinha acontecido com a minha filha, ele se esquivava e dizia para eu

ficar calma e voltar para casa. Não houve acordo nenhum. Eu saí de lá e continuei as buscas pela minha filha. Eu procurei em hospitais e delegacias. Achava que ela poderia estar machucada em algum lugar. Sem sucesso.

O dia começou a amanhecer e voltei para casa. Procurei nos entornos, no meio da mata. Eu não tinha pista e a ficha ia caindo e confirmando que de fato algo grave tinha acontecido com a Fabiana.

Eu, ingênua, voltei à delegacia às 10h30 para registrar a ocorrência. Na minha cabeça, a partir disso a polícia começaria a procurar por ela. Eu fiquei mais de 3 horas esperando, mas consegui.

Naquela época, no próprio do BO tinha o endereço e o telefone do Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP).

A delegada fez um círculo sobre e disse:

— *Procure a delegacia de pessoas desaparecidas. É lá que vão investigar o que aconteceu com a sua filha.*

O que eu senti naquele momento foi um mix de sentimentos. A partir dali eu percebi que eles não iriam procurar pela minha filha. Eles apenas tinham registrado no papel o desaparecimento dela.

Depois disso eu continuei procurando. Fui a vários Institutos Médico Legal de São Paulo. Em um deles, cheguei a ver um cadáver de uma menina que tinha as características parecidas com as da minha filha. Eu precisei ter estômago para fazer isso. Não era ela.

Toda essa situação perdurou durante os primeiros três meses. Foi me desgastando física e psicologicamente.

Teve outro episódio em que uma pessoa foi até minha casa e perguntou se tínhamos encontrado a Fabiana. Depois que negamos, a pessoa sugeriu que ela estivesse morta. Então eu perguntei:

— Você sabe onde ela está? Quem foi que a matou? Por favor, saia da minha casa e nunca mais coloque os pés aqui.

Depois disso eu passei mal. Entrei debaixo do chuveiro e desmaiei. Acordei já era madrugada no Hospital de Pirituba, SP, e tomando soro na veia. Passei mal porque eu estava comendo muito mal e dormindo pouco nos últimos meses.

Quando o médico apareceu, ele disse:

— Você é a única pessoa que pode se ajudar. Se você morrer, ninguém mais vai procurar por ela.

Eu fiquei 5 dias internada naquele hospital e o que o médico falou ficou ecoando na minha cabeça. Eu saí de lá determinada a reorganizar a minha vida, cuidar da saúde e continuar a procurar pela minha filha. De fato, se eu morresse naquele dia, tenho certeza de que ninguém mais, nem mesmo o pai dela, procuraria por ela hoje.

Um dia, uma colega de faculdade me sugeriu procurar uma instituição do Rio de Janeiro, o Centro Brasileiro em Defesa da Crianças e do Adolescente. Eu liguei e logo cadastrei minha filha desaparecida.

Por sorte, uma vizinha tinha uma foto da Fabiana na praia. Inclusive, essa foi a foto que semanas depois apareceu na novela "Explode Coração", da Glória Perez. Por meio da instituição recebi o convite da produção para dar depoimento sobre a Fabiana e o desaparecimento dela.

Na hora eu aceitei o convite e foi aí que eu conheci a Vera Lúcia, a segunda mãe com filho desaparecido que conheci na época. Conversamos muito sobre a situação e o descaso com o tema pelo poder público. Éramos as únicas mães de São Paulo lá.

Logo após a exibição da novela, nós duas fomos abordadas por outras jornalistas que queriam entender mais sobre os casos. Eu dei meu depoimento e deixei um contato para que pessoas passando pela mesma situação pudessem conversar comigo.

Depois de muitas conversas e ligações, uma semana depois eu e a Vera marcamos um encontro nas escadarias da Catedral da Sé e lá apareceram mais de cem mães e familiares de pessoas desaparecidas. Quando eu cheguei lá e me deparei com a quantidade de pessoas com esperança,

transformei minha dor em luta e, desde então, eu vivo em função desse trabalho. Essa é a história de como surgiu o Mães da Sé. Era 31 de março de 1996 e essa é a data que simboliza o início do projeto.

Hoje o trabalho é referência na causa do desaparecimento. Já cadastramos mais de 12 mil pessoas desaparecidas, mais de 12 mil mães passaram pela minha vida. Temos um saldo de 5.692 pessoas localizadas e em cada pessoa que localizo por meio do meu trabalho, eu vejo minha filha. Mas a gente só consegue chegar nesse resultado com divulgação, com visibilidade. A gente só vai alcançar os objetivos quando a sociedade for a principal aliada.

Entre 2019 e 2021 foram localizadas mais de 112 mil pessoas com 60,3% homens, 39,7% mulheres e 30,1% sendo adolescentes entre 12 e 17 anos.

Antes eu tinha uma vida feliz.

Eu tinha projetos de vida para mim e para as minhas filhas. Já se passaram quase três décadas e essa dor, apesar de todo o apoio que eu tive no começo, hoje é uma dor solitária. É uma busca solitária da mãe que abdica do casamento, da vida, da saúde e do trabalho em busca de respostas. Nós vivemos um luto inacabado e carregamos uma ferida que não cicatriza. A incerteza é a pior dor, pior que a própria morte. Eu já perdi meus pais e sei como é.


A diferença é que eu sei onde encontrá-los e sei que não voltarão. Agora, estou há quase 30 anos sem respostas de onde está a minha filha. Se ela está viva, por que ninguém nunca a viu? Se ela está morta, preciso de um corpo para fechar esse ciclo.

Meu casamento acabou 7 anos depois. Ele se aposentou e voltou a morar em Alagoas. Se casou de novo e seguiu a vida até falecer há 3 anos atrás. Daquela época, somente eu, minha caçula e minha neta mantemos as buscas pela Fabiana.

Hoje em dia eu não comemoro o Natal. É só mais uma data dolorosa no calendário. Já são 29 anos sem Natal, sem Dia das Mães, sem aniversário, sem a minha filha. Por isso que este período do ano significa muita dor, sofrimento e luto para mim. Nada do que eu faça vai preencher o vazio que ela deixou. O tempo não diminui a dor.

Essa ferida não fecha, só aumenta. Mas eu mantenho acesa a chama da esperança de um reencontro. Eu sei que Deus não vai me deixar morrer sem respostas.

Caso reconheça algum rosto presente neste livro, por favor, entre em contato com o Mães da Sé através do site www.maesdase.org.br ou pelas redes sociais @maesdase. Utilize também o canal no Instagram do Mães em Luta @mães.em.luta_.



Você faz
muita falta

**AÇÕES IMEDIATAS
EM CASO DE
DESAPARECIMENTO**

Segundo a “Cartilha de Enfrentamento ao Desaparecimento: orientações e direitos na busca de uma pessoa desaparecida”, a sugestão de ações imediatas em situação de desaparecimento de um ente querido pode seguir a sugestão dos passos abaixo para ampliar as chances de localização:

1) Faça o Boletim de Ocorrência (BO)

Esse é o primeiro passo oficial para notificar ao poder público que uma pessoa está desaparecida. Você deve registrar o Boletim de Ocorrência na delegacia mais próxima da sua casa, trabalho ou mesmo por meio da internet. Acesse o link <http://www.ssp.sp.gov.br/nbo> e siga o passo a passo descrito no site.

Importante: não é preciso esperar nenhum tempo mínimo para registrar a ocorrência. É um direito seu!

2) Procure os Órgãos Públicos

Abaixo está uma lista dos principais órgãos públicos que você pode recorrer como medida de ação imediata com um Boletim de Ocorrência em mãos.

- Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP)

É o órgão da Polícia Civil de São Paulo responsável por investigar e localizar pessoas desaparecidas e atender pedidos de busca de autoridades, tanto nacionais quanto internacionais. Na capital, essa atividade é realizada pela 4ª Delegacia de Investigação sobre Pessoas Desaparecidas que inicia a investigação após o registro do boletim de ocorrência (BO) e instaura o Procedimento de Investigação de Desaparecidos (PID). O DHPP coordena buscas oficiais na Grande São Paulo.

Endereço: Rua Brigadeiro Tobias, 527 – 3º andar, Luz – São Paulo.

Contatos: (11) 3311-3547/ 3548/ 3983
peessoasdesaparecidas@ssp.sp.gov.br.

- Guarda Civil Metropolitana (GCM) de São Paulo

É o órgão que atua na segurança urbana municipal e na proteção de pessoas em situação de risco com policiamento preventivo e comunitário. Uma de suas funções é colaborar na localização de pessoas desaparecidas, integrando esforços com outros órgãos municipais.

Endereço: Rua General Couto de Magalhães, 444, Luz – São Paulo.

Contatos: 153

gcmctel@prefeitura.sp.gov.br

- Programa de Localização e Identificação de Desaparecidos (PLID)

O Programa de Localização e Identificação de Desaparecidos (PLID) é uma ação do Ministério Público do Estado de São Paulo (MP/SP), que usa um banco de dados para cruzar informações e ajudar na localização de pessoas desaparecidas.

Famíliares podem registrar o caso da pessoa desaparecida preenchendo o formulário online disponível no site www.mpsp.mp.br e enviar uma fotografia no e-mail abaixo.

Endereço: Rua Riachuelo, nº 115. Edifício Aurora – 9º andar Centro – São Paulo.

Contatos: (11) 3119-7183
desaparecidos@mpsp.mp.br.

- Balcão de Atendimento da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

O Balcão de Direitos Humanos, vinculado à Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, oferece atendimento presencial em casos de violações de direitos. Conta com advogados, assistentes sociais e psicólogos. Além de registrar e encaminhar denúncias, auxilia na orientação de famílias de pessoas desaparecidas, conectando-as à rede de apoio adequada.

Atendimento de segunda a quinta, das 10h às 16h.

Endereço: Rua Líbero Badaró, 119, Centro – São Paulo.

Contatos: (11) 3113-8994
smdhcgabinete@prefeitura.sp.gov.br.

- SMDHC-Desaparecidos

A SMDHC-Desaparecidos, divisão da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, auxilia na localização de pessoas em situação de rua e de pessoas desaparecidas, prestando suporte às famílias na busca. Recebe solicitações do PLID, Defensoria Pública, DHPP, delegacias e IML, auxiliando na identificação de corpos não reclamados.

Endereço: Rua Mauá, nº 36, Santa Cecília – São Paulo

Contatos:

(11) 2833-4344

(11) 9-7549-9770 – Darko Hunter

desaparecidos@prefeitura.sp.gov.br

Solicitações podem ser feitas via Facebook:

www.facebook.com/SMDCHDesaparecidos/

3) Descarte a morte

Em casos em que há a possibilidade de que um desaparecido tenha falecido, é importante verificar no Instituto Médico Legal (IML) e no Serviço de Verificação de Óbitos (SVOC) em São Paulo. Esse procedimento não implica a aceitação da morte, mas ajuda a eliminar essa hipótese.

Corpos não reclamados ficam no IML por até 3 dias e no SVOC por até 10 dias antes de serem sepultados. Após esse período são enterrados e a exumação só pode ocorrer após três anos.

As famílias podem consultar registros de óbitos nos sites oficiais do IML e do Serviço Funerário Municipal, que atualizam listas regularmente. Essas consultas ajudam a encontrar pessoas desaparecidas antes que sejam sepultadas sem identificação.

4) Verifique em hospitais e prontos-socorros

Se uma pessoa desaparecida estiver hospitalizada em São Paulo, pode ser identificada se estiver consciente e/ou portando documentos pessoais.

Para procurar nos hospitais municipais, utilize a Ouvidoria da Secretaria Municipal de Saúde, que centraliza dados de todos os 18 hospitais e prontos-socorros. Basta ligar para o 156 para ativar essa busca. Para hospitais estaduais e particulares, a busca deve ser feita diretamente.

A Secretaria Estadual também publica informações de corpos não identificados no site: www.saude.sp.gov.br. Hospitais são obrigados pela Lei nº 10.299/99 a notificar a Delegacia de Desaparecidos sobre pacientes sem identificação.

5) Divulgue à sociedade

Na busca pela pessoa desaparecida, é essencial comunicar rapidamente o maior número possível de pessoas, como familiares, amigos, vizinhos e colegas, além de utilizar redes sociais para divulgar fotos e informações. Isso deve ser feito logo após perceber o desaparecimento, sem atrasar a notificação formal às autoridades para garantir uma busca rápida e eficaz.

Como já mencionado nos relatos de Ivanise Espiridião e de Vera Lúcia neste livro, organizações da sociedade civil, como **Mães da Sé** e **Mães em Luta**, também podem ser acionadas para oferecer suporte, orientações e ajuda no processo de busca. Essas entidades são importantes aliadas para famílias que enfrentam essa situação, aumentando as chances de localização e reencontro.

6) Mantenha a esperança

Caso o desaparecido não seja encontrado após seguir todos os passos, mantenha a calma. Há outras opções a considerar, como hospitais, abrigos, casas de acolhimento, o sistema carcerário ou até mesmo as bases da Polícia Federal, caso tenha existido a possibilidade de saída do país. Como a busca nem sempre é imediata, é importante manter contato com as instituições e atualizá-las.

Após dias de angústia e buscas, a boa notícia pode chegar e seu familiar pode ser encontrado! Se isso ocorrer, é importante registrar o BO de Encontro de Pessoa na delegacia ou online. Esse procedimento regulariza e desbloqueia o RG do localizado.

É importante também reportar o reencontro junto aos demais órgãos que foram

comunicados. Caso não sejam notificados da localização da pessoa, os órgãos podem ficar sobrecarregados e atrapalhar a busca de famílias que ainda precisam de ajuda.

A incerteza é um dos sentimentos mais difíceis de lidar ao procurar por uma pessoa desaparecida. Embora seja uma experiência desafiadora, é importante não perder a esperança. Converse com amigos e familiares ou procure apoio profissional de psicólogos ou psiquiatras.

Por fim, lembre-se de cuidar de si mesmo durante esse processo. Manter-se saudável é essencial para continuar a busca com esperança de um resultado positivo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assunção, Bárbara Aline Ferreira. [LIVRO-REPORTAGEM: O JORNALISTA COMO AUTOR](#). RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber, Brasil, v. 1, n. 5, p. 182–187, 2024.

Comitê Internacional Da Cruz Vermelha. "Ainda? essa é a palavra que mais dói": Avaliação das necessidades de familiares de pessoas desaparecidas em contexto de violência e outras circunstâncias no estado de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/document/ainda-essa-e-palavra-que-mais-doi>

Ferreira, Letícia Carvalho de Mesquita. De problema de família a problema social: notas etnográficas sobre o desaparecimento de pessoas no Brasil contemporâneo. Anuário Antropológico [online], v. 38, n. 1, 2013.

Fórum Brasileiro De Segurança Pública. Desaparecidos no Brasil: da contagem de registros às responsabilidades do Estado. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/08/anuario-2023-texto-04-desaparecidos-no-brasil-da-contagem-de-registros-as-responsabilidades-do-estado.pdf>

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 16, 2023.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 15, 2022.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 14, 2021.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 13, 2020.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 12, 2019.

Jesus, Wallace. Cerca de 63 mil pessoas desapareceram no último ano no Brasil, 2021. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/atualidades/cerca-de-63-mil-pessoas-desapareceram-no-ultimo-ano-no-brasil-como-reagem-as-familias/>.

Lima, Alceu Amoroso. O jornalismo como gênero literário. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

Lovizon, K; Victor, C. Os Critérios De Noticiabilidade Na Perspectiva Do Jornalismo Humanitário. 2020. Disponível em: <http://www.metodista.br/congressos-cientificos/index.php/Congresso2020/COM2020/paper/view/11168>

Lima, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do

jornalismo e da literatura. 3 ed. Barueri, SP: Manole, 2004.

_____. Jornalismo literário para iniciantes. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2014.

Maciel, Alexandre Zarate. Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil. Recife, 2018.

Melo, José Marques de. Opinião do jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985. Acesso em: 30 out. 2024.

Ministério Público Do Estado De São Paulo. Cartilha de Prevenção e Enfrentamento ao Desaparecimento: Orientações preventivas e direitos na busca de uma pessoa desaparecida, 2016.

Oliveira, Sandra Rodrigues. Onde está você agora além de aqui, dentro de mim? – O luto

das mães de crianças desaparecidas. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2008.

Traquina, N. Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.



*Você faz
muita falta*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

WÁLACE DE JESUS

MÃES DE DESAPARECIDOS:
RELATOS SOBRE A AUSÊNCIA DE RESPOSTAS

SÃO PAULO
2024

WÁLACE DE JESUS

MÃES DE DESAPARECIDOS:
RELATOS SOBRE A AUSÊNCIA DE RESPOSTAS

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Jornalismo e Editoração da Escola de
Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo (ECA-
USP) para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica de
Fátima Rodrigues Nunes Vieira

SÃO PAULO
2024

TÍTULO DO LIVRO:

MÃES DE DESAPARECIDOS: RELATOS SOBRE A AUSÊNCIA DE
RESPOSTAS

AUTOR:

Walace De Jesus

IMAGENS:

Walace De Jesus

CAPA:

Arranjo Gráfico Por Wallace De Jesus

Universidade de São Paulo, 85 p. 1.^a edição: São Paulo – 2024

DATA DA IMPRESSÃO:

Tahoma, 2024

REVISÃO ORTOGRÁFICA:

Vivian Mota

FICHA CATALOGRÁFICA:

Jesus, Wallace de

Mães de desaparecidos: relatos sobre a ausência de respostas / Wallace de
Jesus. – 1. ed. – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2024.

85 p.

Inclui bibliografia e fotos.

ISBN: (aguardando emissão)

1. Desaparecimento. 2. Mães. 3. Sequelas. 4. Depoimentos. 5. Jornalismo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Wallace de Jesus

Título: Mães De Desaparecidos: Relatos Sobre A Ausência De Respostas.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca:

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Ana Paula, à Maria Socorro, à Ivanise Esperidião, à Vera Lúcia e à Elaine Monteiro por compartilharem sobre essa dor tão única e inexplicável. Burocracia, esperança, culpa e incerteza são palavras-chave nos relatos, que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço também a quem acreditou neste projeto desde a sua concepção: minha mãe, meus irmãos, meu namorado, minha orientadora e meus amigos, pelo apoio, incentivo e confiança em cada etapa desta jornada.

RESUMO

JESUS, Wallace de. *Mães de desaparecidos: relatos sobre a ausência de respostas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Este livro-reportagem-depoimento retrata as sequelas presentes na realidade de mães que buscam respostas sobre o desaparecimento de seus filhos e filhas no Brasil. Também aborda a problemática e a desumanização do tema. Com base em dados do Mapa de Segurança Pública de 2024 e do Mapa de Desaparecidos no Brasil de 2023, o trabalho evidencia a urgência do tema e busca dar visibilidade à luta dessas mães que experienciam burocracia, esperança, culpa e incerteza por anos e até mesmo décadas. Esta obra se alinha ao jornalismo contemporâneo ao impedir a invisibilidade desse emergente tema humanitário.

Palavras-chave: desaparecimento, mães, relatos, segurança pública, jornalismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA.....	9
3. QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA.....	10
4. MEMORIAL DESCRITIVO	15
4.1 CRONOGRAMA	16
4.2 LIVRO-REPORTAGEM-DEPOIMENTO.....	17
4.3 ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS.....	18
4.3.1 ROTEIRO DE PERGUNTAS.....	19
4.4 UM RETRATO DO PERFIL DE PESSOAS DESAPARECIDAS NO BRASIL ...	20
4.4.1 DÚVIDAS NO PEITO.....	21
4.4.2 LETRAS QUE APAGAM	21
4.4.3 MUITA BUROCRACIA.....	22
4.4.4 LUTO SEM SEPULTURA.....	23
4.4.5 FERIDA QUE NÃO CICATRIZA.....	23
4.4.6 AÇÕES IMEDIATAS EM CASO DE DESAPARECIMENTO.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXO I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	30
ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM.....	31

1. INTRODUÇÃO

Este é um livro-reportagem-depoimento – segundo classificação proposta por Lima (2004 p.52), que reconstitui os relatos das mães com ampliação dos fatos em narrativa documental e de ação. Busca, portanto, apresentar ao leitor de forma envolvente e multiangular, com diversidade de pontos de vista e variedade de causas e consequências, relatos sobre as sequelas do desaparecimento de pessoas pela perspectiva exclusiva das mães.

Este é um produto jornalístico pertinente ao jornalismo contemporâneo, uma vez que, conforme Lovizon e Victor (2020), se atém a cobrir o tema e a “impedir a opacidade ou a invisibilidade das crises humanitárias”. Afinal, segundo a definição de Traquina (2005, p. 26), “jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade”. Este livro retratar a realidade dessas mães.

2. JUSTIFICATIVA

O fenômeno do desaparecimento de pessoas no Brasil é latente e cotidiano. De acordo com o Mapa de Segurança Pública de 2024, o número de pessoas desaparecidas no país foi de 82.287. Desse total, 63% são homens, 36% mulheres e 1% não tem o gênero informado.

Já o Mapa de Desaparecidos no Brasil de 2023 mostra que entre os anos de 2019 e 2021 mais de 200 mil pessoas desapareceram no país. Isso representa, em média, 183 desaparecimentos por dia. Desse total, 29% dos casos são de jovens adolescentes de 12 a 17 anos. Em relação a cor, pessoas negras representam 54% dos desaparecidos, mas apenas 45% das pessoas localizadas. Ainda de acordo com o estudo, mais de 112 mil pessoas foram localizadas entre 2019 e 2021 e corroboram às taxas de gênero dos desaparecimentos citadas acima. Estatísticas. Números. Porcentagens.

Os números refletem as falhas da segurança pública no Brasil em prevenir e mitigar o desaparecimento de pessoas sejam elas adultas, adolescentes ou crianças. Esses dados têm folego suficiente para uma coletânea inteira de livros, mas neste trabalho exercem função introdutória e contextual para o tema principal: as sequelas que mães enfrentam ao longo de anos e até mesmo décadas do desaparecimento dos seus filhos(as).

Muito mais sobre o “que” ou o “quanto”, este livro se debruça sobre o “quem”. Para isso, colhi e compilei relatos de cinco mães que buscam por respostas sobre a ausência inesperada dos seus filhos(as) do ambiente familiar. Também dedica repertório informativo que elenca ações imediatas em situação de desaparecimento de um ente querido, seguindo a sugestão da “Cartilha de Enfrentamento ao Desaparecimento: orientações e direitos na busca de uma pessoa desaparecida” de 2016 desenvolvida pela Prefeitura de São Paulo.

Busca-se, com este livro, contribuir com a luta dessas mães, registrar as sequelas de anos de procura pelo filho(a) e proporcionar literatura específica com elementos que auxiliem na compreensão da realidade do tema.

3. QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

O livro baseia-se em referencial teórico específico de jornalismo literário e humanitário para a criação de uma narrativa clara, objetiva e responsável. Conforme Lima (1969), adotei uma compreensão flexível de que literatura é uma construção estética longe de quaisquer normas objetivas, conceituando o emprego da palavra em prosa e os acontecimentos como jornalismo literário.

Para elaborar a contextualização do fenômeno do desaparecimento e do perfil dos desaparecidos, busco no Fórum Brasileiro de Segurança Pública — por meio do Mapa de Desaparecidos no Brasil de 2023 e do Mapa de Segurança Pública de 2024 — dados que comprovam a complexidade do tema. Veja nas figuras 1 e 2 a seguir:

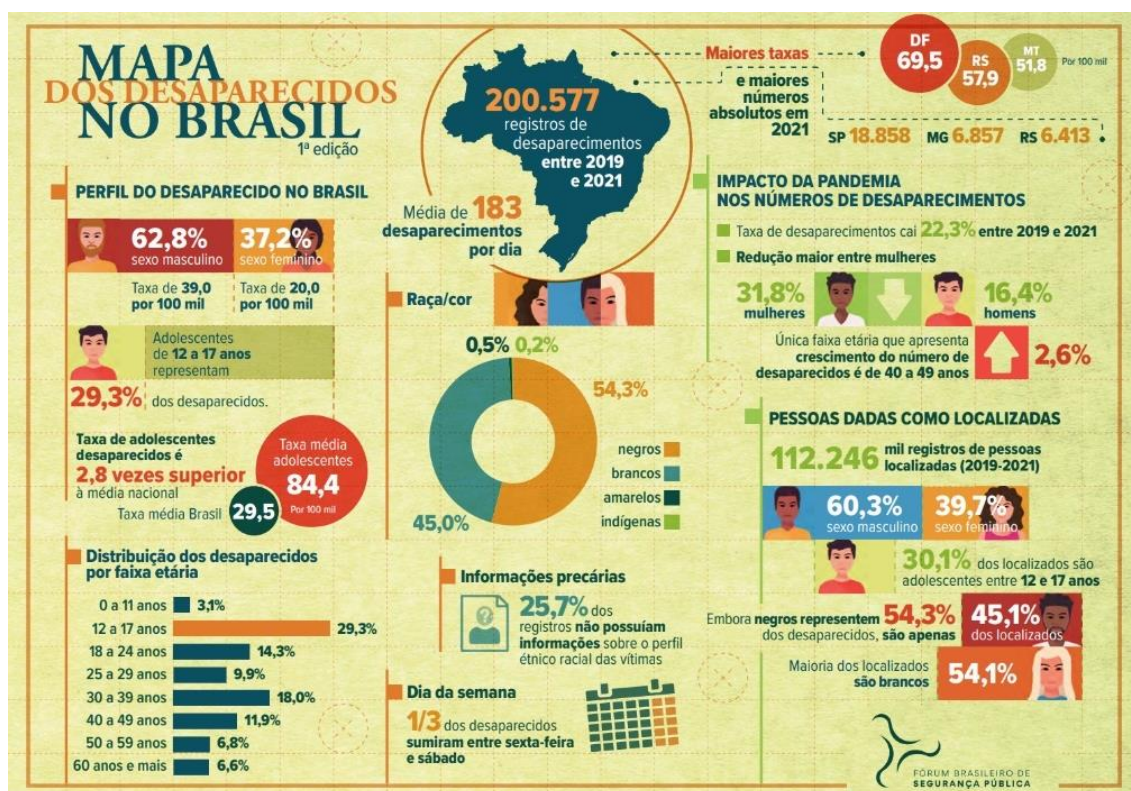


Figura 1 - Mapa de Desaparecidos no Brasil de 2023
Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública

PESSOAS DESAPARECIDAS

80.675 desaparecidos em 2022

82.287 desaparecidos em 2023

Aumento de **▲ 2%**
em relação ao ano anterior

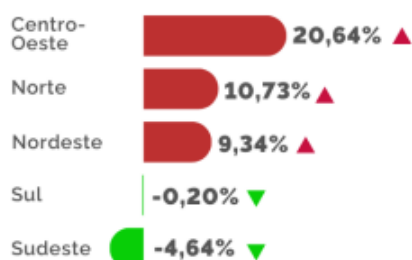
225 desaparecidos por dia



63% do sexo masculino

25% têm entre 0 a 17 anos

Percentual de pessoas desaparecidas por
Grande Região, comparando 2022 e 2023.



UF's com maiores aumentos
percentuais de pessoas desaparecidas.
2022-2023.

Mato Grosso do Sul.....	235,95%
Paraíba.....	48,02%
Piauí.....	44,03%
Acre	29,12%
Pará	18,54%

UF's com maiores reduções
percentuais de pessoas desaparecidas
2022-2023.

Amapá.....	-24,30%
São Paulo	-11,89%
Santa Catarina.....	-2,73%
Paraná.....	-1,87%
Alagoas	-0,16%

Maiores variações percentuais de UF's, comparando 2022 e 2023.

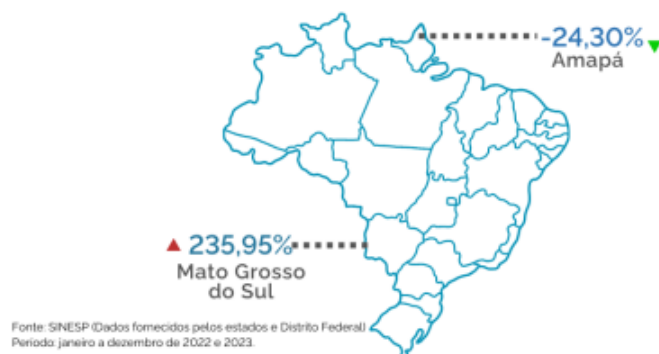


Figura 2 - Mapa de Segurança Pública 2024
Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Para se ter uma noção, no triênio foram mais de 200 mil pessoas desaparecidas no Brasil, sendo uma média de 183 desaparecimento diários. Em São Paulo, são 61.745 casos e 30% do total do país.

Entre 2019 e 2021 a parcela da população atingida pelo fenômeno é majoritariamente do gênero masculino, jovem e negra. Especificamente sobre o perfil étnico racial, 54,1% das pessoas desaparecidas são pretas e pardas, mas chama a atenção que em 26% dos registros a raça/cor não foi descrita no boletim de ocorrência, uma informação primordial para o processo de busca e investigação. (Mapa dos Desaparecidos no Brasil, p.28, 2023)

Infelizmente, o desaparecimento de pessoas ainda não é classificado como crime nem tem um tipo penal específico. A própria definição de uma pessoa desaparecida só foi esclarecida no Brasil em 2019 com o decreto da Lei nº 13.812, a Política Nacional de Pessoas Desaparecidas. Sendo, portanto:

[...] Todo ser humano cujo paradeiro é desconhecido, não importando a causa de seu desaparecimento, até que sua recuperação e identificação tenham sido confirmadas por vias físicas ou científicas. (Política Nacional de Pessoas Desaparecidas, 2019)

Neste livro-reportagem, utilizei o conceito de desaparecimento do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), que tem como foco uma definição mais abrangente e com visão protagonista dos familiares que “enfrentam os efeitos da incerteza, da ausência e da busca que realizam”.

O CICV define o desaparecimento como uma situação em que o paradeiro de uma pessoa é desconhecido por seus familiares ou quando ela é dada como desaparecida, segundo fontes fidedignas, devido a um conflito armado, violência interna, desastre natural ou outras crises humanitárias. (CICV, p. 13, 2021)

De qualquer forma, o desaparecimento de pessoas é um problema social emergente de segurança pública no Brasil e tem no registro de Boletim de Ocorrência (BO) nas delegacias o primeiro passo de registro do sumiço de uma pessoa, conforme a *Cartilha de Enfrentamento ao Desaparecimento: Orientações e direitos na busca de uma pessoa desaparecida*, da Prefeitura de São Paulo, publicada em 2016. Entretanto, conforme Ferreira (2013) “o desaparecimento é um tipo de ocorrência policial registrado e gerido rotineiramente em delegacias como fato de menor importância”.

Nesse cenário, muitos casos de desaparecimentos são tipificados como problemas familiares pelas delegacias, que atribuem à mãe da vítima, na maioria dos

casos, a responsabilidade de encontrar a solução dentro do próprio núcleo familiar, exercendo apenas a função de registro. Isso gera ainda mais sequelas diante de uma situação de vulnerabilidade emocional, principalmente às mães: protagonistas na busca de pessoas desaparecidas.

Portanto, o fenômeno do desaparecimento de pessoas encontra na literatura o enfrentamento diante três agentes: o Estado, a família e a polícia. Existe, destarte, deveres de cada integrante desta intersecção: o Estado, por sua vez, precisa permitir que os familiares, em sua maioria mães, entendam o que aconteceu ou encontrem seus entes desaparecidos por meio de investigações; a família precisa contribuir com o Estado e com as delegacias de polícia, abrindo o Boletim de Ocorrência; e as delegacias devem registrar os casos e compartilhar com a delegacia específica, o Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP), independente do fator.

Nesse sentido, o apoio do jornalismo contemporâneo ou mesmo da imprensa atual auxilia na busca dessas pessoas e este é o objetivo deste livro. Entretanto, redações tradicionais estão cada vez menos interessadas em assuntos humanitários emergentes e mais atentas ao fato imediato. “Esse fator contribui para negligenciar a cobertura jornalística das crises e emergências humanitárias.” (Lovizon, K; Victor, C; p. 2, 2020)

Com foco específico na família,

os efeitos — concretos e devastadores do desaparecimento — se mostram inquestionáveis: quanto menor a resposta da comunidade e dos serviços públicos, mais graves tornam-se as necessidades dos familiares de pessoas desaparecidas. (CICV, p. 6, 2021)

Na busca pelo ente desaparecido, as sequelas são inevitáveis.

Para as famílias das pessoas desaparecidas, estas consequências são múltiplas, graves e interconectadas. Elas envolvem a necessidade de saber o que aconteceu com a pessoa desaparecida e qual é o seu paradeiro, além de necessidades relacionadas à sua saúde física e mental, necessidades de medidas reparadoras, necessidades jurídicas e administrativas e necessidades econômicas. (CICV, p. 129, 2021)

Ainda de acordo com a cartilha, essas mães e familiares podem experimentar sentimentos como desespero, medo, angústia, tristeza, raiva, incerteza, culpa, vazio,

depressão, incerteza, entre outros. Podemos, portanto, dizer que esses familiares vivem um luto indefinido ou mais bem definido por Boss (2001) apud. Oliveira (2008) como luto ambíguo.

Não sabem como se portar nessa situação. Não podem solucionar o problema porque não sabem se este (o desaparecimento) é definitivo ou temporário. A incerteza impede que as pessoas se adaptem à ambiguidade de sua perda, reorganizando os papéis e as normas de suas relações com os outros queridos. Agarram-se se à esperança de que as coisas voltem a ser como eram antes e lhes são privados os rituais que geralmente dão suporte a uma perda clara, tais como funerais depois de uma morte na família. (Boss, p. 20, 2001)

Portanto, pensa-se no livro-reportagem-depoimento a abordagem das histórias dessas mães enquanto papel do jornalismo e da imprensa ocidental em se ater à cobertura humanitária e “impedir a opacidade ou a invisibilidade das crises humanitárias”, conforme Lovizon e Victor (2020).

Para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, elenca-se a definição de Traquina (2005, p. 26), de que “jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade”; e esta obra retrata a realidade dessas mães.

4. MEMORIAL DESCRITIVO

O tema do desaparecimento de pessoas me acompanha já há alguns anos e surgiu durante minha participação no 19º Curso Jornalismo em Guerra e Violência Armada, realizado pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) e pela Oboré Projetos especiais, em 2020. Este livro foi desenvolvido a partir da inquietação em saber que o fenômeno de desaparecimento acontece cotidianamente, que muitos casos são inconclusivos e permanecem sem respostas ao longo de anos ou mesmo décadas.

Outra inquietação é a terceirização do trabalho de investigação dos desaparecidos às mães. Muitos dos relatos presentes neste livro revelam o despreparo das delegacias e do próprio Estado em solucionar casos ou mesmo iniciar investigações e buscas de pessoas desaparecidas.

Este livro-reportagem leva meu nome como autor, mas vale ressaltar que foi escrito a 12 mãos. As minhas e de outras 5 mães que relatam sobre a ausência de respostas sobre o desaparecimento dos seus filhos e filhas. Como profissional do jornalismo compilei os cinco depoimentos colhidos em entrevistas de cunho semiaberta, definida por Duarte (2005, p.66), como um método focado em um roteiro de perguntas centralizados no tema central deste livro: as sequelas do desaparecimento para as mães.

Também há no livro um espaço dedicado a ações imediatas em caso de desaparecimento como jornalismo de serviço, sugerindo os primeiros passos diante desta situação angustiante.

O processo de construção deste livro, desde o projeto até a versão final, foi desafiador, mas ao mesmo tempo gratificante. A ideia original do livro era muito abrangente e muito ambiciosa, mas com a orientação da professora Mônica consegui enxergar outros temas potenciais que auxiliaram na definição do escopo, no recorte, na mensagem e no objetivo do livro-reportagem. Pude aplicar conhecimentos adquiridos ao longo do curso e, mesmo com mudanças de rumo e redescobertas, entrego este livro satisfeito com o trabalho final e o impacto social que ele terá na vida destas e de outras mães.

4.1 CRONOGRAMA

Este livro foi concluído em seis fases:

1. Revisão de Literatura
2. Planejamento, Roteiro de Perguntas e Estrutura do Livro
3. Coleta de Depoimentos
4. Transcrição e Escrita
5. Formatação e Diagramação
6. Revisão final e Entrega

Na fase 1 realizou-se revisão de literatura sobre o desaparecimento de pessoas no Brasil, os impactos do fenômeno nos variados núcleos familiares, a luta e o luto das mães em buscas de filhos(as) desaparecidos, e organizações da sociedade civil que apoiam as buscas, como o Mães da Sé e o Mães em Luta.

Na fase 2 detalhou-se o planejamento das ações referentes à definição do tipo de livro-reportagem, à abordagem com a ONG Mães da Sé, o roteiro de perguntas e o período da coleta dos depoimentos, de transcrição e da organização dos relatos coletados.

Na fase 3 coletou-se todos os depoimentos das cinco mães: quatro delas durante o encontro mensal da ONG Mães da Sé nas escadarias da Catedral da Sé e uma via Google Meet por limitações logísticas. Ana Paula, Eliane Trindade, Vera Lúcia e Maria Socorro foram entrevistadas no dia 30 de agosto de 2024, Dia Internacional das Vítimas de Desaparecimentos Forçados. As quatro foram entrevistadas com base no roteiro de perguntas (ver em 4.3.1) com auxílio de um smartphone e um aparelho de captação de áudio (microfone). Ivanise Esperidião foi entrevistada apenas no dia 11 de novembro de 2024, via Google Meet, por questões de conflito de agenda. Todas elas estão cientes que este livro faz parte de um trabalho acadêmico e consentiram o uso das suas histórias por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo I)

Na fase 4 realizou-se a transcrição de todos os relatos com auxílio de ferramenta de inteligência artificial [Good Tape](#), “uma ferramenta rápida, segura, precisa e fácil de usar que transforma qualquer arquivo de áudio ou vídeo em texto

transcrito com precisão”. Ainda nesta fase produziu-se os cinco relatos que deram origem aos capítulos (ver em 4.4) e a primeira revisão junto à orientadora.

A penúltima fase encarregou-se de ajustar a formatação do texto e a diagramar o livro. O livro está formatado e diagramado em estilo e tamanho pocket (21x14,8 ou A5), contém 85 páginas, 8 capítulos, com texto justificado em fonte Tahoma tamanho 11, espaçamento simples entre linhas e não contém orelhas. Todas as fotos usadas neste livro para a diagramação dos capítulos têm o consentimento das mães envolvidas por meio de Termo de Consentimento para Uso de Imagem (ver Anexo II).

Na fase final executou-se a revisão ortográfica minuciosa do texto com auxílio de profissional formado em Biblioteconomia pelo valor de R\$106 reais. Também houve a validação final da professora orientadora e a elaboração do presente memorial/relatório do livro.

Acesse o livro-reportagem-depoimento em: <https://encurtador.com.br/AIZbv>.

4.2 LIVRO-REPORTAGEM-DEPOIMENTO

Seguindo a definição de Melo (1985), a escolha do produto jornalístico livro-reportagem baseia-se no fato de que uma simples notícia, retida apenas na integralidade de um fato já desenvolvido na sociedade, não ampliaria ou horizontalizaria a informação sobre o fenômeno do desaparecimento, outrora eclodido e produzido alterações na realidade. A reportagem, por sua vez, exerce essa função. Como bem define Cremilda Medina apud Lima (2004),

a reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea, com toda a plenitude até mesmo da utopia, o socialismo, ou dentro da modernização do capitalismo. Pois é justamente a pluralidade de vozes e de significados sobre o imediato e o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia, uma vez que a democracia é polifônica e polissêmica.

Ainda sobre a escolha deste formato, Lima (2024) reforça que o livro-reportagem é definido como veículo de comunicação não-periódica capaz de ampliar a abordagem cotidiana das redações jornalísticas periódicas, sendo essa ampliação

a “maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos”.

Já o tratamento do livro – referente a linguagem e edição do texto tipicamente jornalístico, “[...] mobiliza outros sistemas simbólicos além da comunicação linguística” (Lage apud. Lima, 2004).

Além do objetivo óbvio de informar e orientar, aplica-se outra função a este livro-reportagem, definido por Lima (2004) como veículo de comunicação que

[...] trabalha sua narrativa de maneira apenas extensiva – com horizontalização de dados e fatos, mas sem um salto verticalizador significativo, direcionado à apreensão qualitativamente intensiva do objeto abordado – superior aos periódicos, cumprindo, desse modo, um trabalho que se poderia denominar muito próximo ao *jornalismo informativo arredondado*.

Visto isso, verifica-se a possibilidade de existência de diversos tipos e formas de livro-reportagem, seja tanto em relação à finalidade quanto à narrativa imposta na obra. Nesta ocasião, trata-se de um livro-reportagem-depoimento definido por Lima (2004), que utiliza critérios como o objetivo narrativo e a temática da obra para classificação. Para o autor, o livro-reportagem-depoimento

reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido – geralmente com a assistência de um jornalista – ou por um profissional que compila o depoimento e elabora o livro. Apreende-se, daí, que o tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada.

4.3 ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

Seguindo a ideia de Duarte apud. Maciel (2018), o objetivo deste livro não é testar hipóteses ou muito menos esgotar as estatísticas do tema. Proporciona, por sua vez, literatura específica com elementos que auxiliam na compreensão da realidade do tema e, especialmente, da fragilidade desses núcleos familiares, a partir da ótica e depoimentos das matriarcas por meio de entrevistas de cunho semiaberta, definida por Duarte (2005, p.66) como um método focado em um roteiro de perguntas centralizados no tema deste livro.

Por meio desta definição, elaborou-se um roteiro de perguntas focado nas sequelas relacionadas ao desaparecimento na realidade dessas mães com objetivo

exclusivo de reconstituir os relatos com ampliação dos fatos em narrativa documental e de ação.

4.3.1 ROTEIRO DE PERGUNTAS

A tabela 1 abaixo contém o roteiro de perguntas:

Tabela 1 – Roteiro de perguntas para mães de desaparecidos

Informações Básicas				
Nome:	Idade:	Estado Civil:	Qtd. Filhos:	Ocupação:
Nome do desaparecido (a):			Data do desaparecimento:	
Roteiro de Perguntas				

- Quais são os seus sentimentos relacionados ao desaparecimento dele(a)?
- De acordo com o Mapa de Desaparecidos do Brasil, adolescente e jovens (12 a 29 anos) representam mais da metade dos desaparecimentos no Brasil. Qual seu sentimento ao saber que seu filho(a) compõe essa estatística?
- Como mãe, qual é o sentimento mais presente após o desaparecimento?
- O que você sente hoje após x anos desde o desaparecimento?
- Estudos apontam que após o desaparecimento de pessoas há uma espécie de luto ambíguo entre os familiares. Como você lida com a incerteza e falta de respostas sobre o paradeiro dele(a)?
- Como você se sente em relação às mães que, como você, tem um filho desaparecido?
- Como os outros familiares (pais, irmãos, tios, avós) auxiliaram após o desaparecimento?
- Estudos revelam que a partir de certo tempo decorrido do desaparecimento, a única pessoa ativa na busca pelo ente desaparecido é a mãe. Você sente que é uma trajetória solitária buscar pelo ente querido desaparecido?
- Conforme Ferreira (2013), “o desaparecimento é um tipo de ocorrência policial registrado e gerido rotineiramente em delegacias como fato de menor importância”. Quais seus sentimentos em relação ao desamparo dos órgãos públicos nas investigações de pessoas desaparecidas?

- Como a Mães da Sé ou o Mães em Luta têm auxiliado durante esse período do desaparecimento?
- Socialmente é atribuído à mãe o papel de proteção e responsabilidade da prole e consequentemente tudo que possa acontecer a ela. Você sente culpa pelo desaparecimento do seu filho?
- Quais são os seus medos em relação ao desaparecimento dele(a)?
- Você sofreu alterações físicas (apetite, sono, peso, choro) com o desaparecimento dele(a)?
- Você recorreu ou fortificou a busca por recursos espirituais ou religiões após o desaparecimento dele(a)?
- Qual impacto social o desaparecimento dele(a) trouxe para o núcleo familiar e para o seu convívio social?
- Como você descreve o sentimento de esperança de um dia reencontrá-lo(a)?

Fonte: elaborado pelo autor com base em **Onde está você agora além de aqui, dentro de mim? – O luto das mães de crianças desaparecidas** de Sandra Rodrigues Oliveira.

4.4 UM RETRATO DO PERFIL DE PESSOAS DESAPARECIDAS NO BRASIL

A ordem dos capítulos não segue ordem lógica. Foram apenas ordenadas com base na ordem dos relatos coletados. Os depoimentos corroboraram o retrato do perfil de pessoas desaparecidas no Brasil, sendo 63% de histórias de mães de homens desaparecidos, 36% dos relatos de mulheres desaparecidas, em sua maioria formada por pessoas negras e entre a faixa etária de 12 e 29 anos de idade, como evidencia o Mapa dos Desaparecidos no Brasil (ver em Figura 1).

As histórias das cinco mães são o fio condutor para entender a realidade das mães em busca de respostas sobre o desaparecimento dos seus filhos e filhas. O tempo de procura pelo ente desaparecido varia de acordo com cada caso e a relação entre o tempo e a dor está diretamente relacionada.

4.4.1 DÚVIDAS NO PEITO

O capítulo *Dúvidas no Peito* mostra a realidade da professora Ana Paula Puga, de 54 anos, mãe de Luiz Felipe Puga. Ele desapareceu em 15 de junho de 2018, perto de Interlagos (SP) e desde então Ana está à procura do filho. O próprio título traz o cerne do depoimento dela: a dor pela perda. “Sem contar a solidão e o sentimento de incapacidade de fazer algo em prol de descobrir o que aconteceu ou de onde ele está”, revela Ana em um trecho.

Apesar de breve, é um relato significativo que revela o papel de responsabilidade atribuído à mãe nesse contexto e a importância das organizações da sociedade civil, como o Mães da Sé e Mães em Luta, em dar suporte, orientação e auxílio nas buscas.

4.4.2 LETRAS QUE APAGAM

O capítulo intitulado *Letras que apagam* vislumbra a dolorosa história de Eliane Trindade Pires Nascimento, uma mulher de 60 anos, profissional do lar, casada e mãe de dois filhos, um dos quais, Ailton Botelho, desapareceu em 3 de março de 1999 em Carapicuíba, SP. Ailton, que tinha 19 anos na época, enfrentava dificuldades de leitura e escrita, além de problemas de memória.

Eliane descreve o desespero e a angústia das primeiras semanas de busca, que incluíram visitas a vários Institutos Médico Legal e uma incessante procura pelas ruas e trens de São Paulo. A narrativa destaca o impacto devastador do desaparecimento na vida de Eliane. Ela revela que afetou sua saúde física e mental e que é constante a preocupação com o bem-estar de Ailton. Além disso, Eliane enfrenta desafios burocráticos, como a necessidade de renovar o Boletim de Ocorrência, que é frequentemente negada pelas autoridades, simbolizando a luta contra o esquecimento institucional.

O título reflete a sensação de Eliane de que as autoridades desejam que ela desista da busca, que as evidências e registros do desaparecimento de Ailton se apaguem com o tempo. No entanto, ela reafirma sua determinação inabalável de

continuar procurando por seu filho, movida pelo amor materno e pela esperança de reencontrá-lo.

4.4.3 MUITA BUROCRACIA

O capítulo intitulado *Muita Burocracia* retrata a história de Maria do Socorro Monteiro Feitosa, uma costureira de 63 anos, cujo filho, Frankelson Adriano Monteiro Feitosa, desapareceu em 26 de janeiro de 1996 na favela de Heliópolis, São Paulo. O objetivo do capítulo é destacar a luta incessante e a dor contínua de uma mãe que busca por respostas sobre o paradeiro de seu filho desaparecido, além de criticar a ineficácia e a insensibilidade das autoridades e do sistema de justiça em casos de desaparecimento.

Maria do Socorro descreve como a vida dela e de sua família foi devastada após o desaparecimento de Frankelson. A separação do marido e a rebeldia dos outros filhos são consequências diretas desse evento traumático. Frankelson, um jovem apaixonado por futebol e torcedor do Corinthians, desapareceu após sair para jogar futebol no campo do Hospital Heliópolis.

A narrativa expõe a burocracia e a falta de apoio das autoridades, exemplificada pela dificuldade de registrar o Boletim de Ocorrência e a falta de empenho da polícia em investigar o caso. Maria do Socorro relata o desespero e a frustração de procurar sozinha por seu filho, enfrentando trotes e informações falsas ao longo dos anos. Ela descreve um episódio em que quase foi presa por desacato ao insistir em registrar o desaparecimento de Frankelson.

O capítulo também destaca a importância do apoio de outras mães que vivem a mesma dor, como as integrantes dos grupos Mães em Luta e Mães da Sé, que oferecem suporte emocional e prático.

Datas comemorativas, como Natal e aniversários, perderam o significado para Maria do Socorro, tornando-se lembranças dolorosas do desaparecimento de seu filho. O objetivo do capítulo é mostrar a resiliência e a esperança de Maria do Socorro, que, apesar de todas as adversidades, acredita que um dia encontrará seu filho.

4.4.4 LUTO SEM SEPULTURA

O capítulo *Luto sem Sepultura* narra a história de Vera Lúcia Ranu, de 65 anos, mãe de três filhos, incluindo Fabiana Renata Gonçalves, que desapareceu em 12 de novembro de 1992, aos 13 anos, no bairro de Jaraguá, em São Paulo. Após o desaparecimento de Fabiana, Vera se tornou militante na causa das pessoas desaparecidas e hoje preside a ONG Mães em Luta e é uma das fundadoras do Mães da Sé.

O objetivo do capítulo é destacar a luta de Vera e outras mães para dar visibilidade ao problema dos desaparecimentos, que é frequentemente ignorado pelo poder público e pela sociedade. Vera enfatiza que qualquer pessoa pode se tornar parte dessa estatística e que a luta por visibilidade é crucial.

Fabiana, a filha mais velha de Vera, desapareceu após ser dispensada da escola. Vera descreve o impacto devastador do desaparecimento na família, especialmente na vida dos outros dois filhos pequenos, que precisaram de tratamento psicológico.

A narrativa também aborda a falta de investigação efetiva, já que o desaparecimento não é tipificado como crime, resultando em boletins de ocorrência que são arquivados sem ação. Vera critica essa invisibilidade e a falta de apoio, destacando que as mães são as mais sensíveis e ativas na luta por seus filhos desaparecidos. Vera abraça a luta para não sucumbir à dor, esperando por sua filha em todos os momentos de sua vida. Ela afirma que nunca deixará essa dor se transformar em um "luto sem sepultura".

4.4.5 FERIDA QUE NÃO CICATRIZA

O capítulo *Ferida que não cicatriza* revela a história de Ivanise Esperidião da Silva Santos, uma ativista social de 63 anos, cuja filha, Fabiana Esperidião da Silva, desapareceu em 23 de dezembro de 1995, aos 13 anos, em Pirituba, São Paulo.

A narrativa destaca a dificuldade de lidar com a culpa e a dor, sentimentos comuns entre mães de desaparecidos. A busca por Fabiana levou Ivanise a fundar a

ONG Mães da Sé, junto com outras mães na mesma situação, para dar visibilidade ao problema dos desaparecimentos e apoiar outras famílias. A ONG se tornou uma referência na causa, cadastrando mais de 12 mil pessoas desaparecidas e localizando mais de 5.600.

Ivanise descreve como a busca por Fabiana afetou sua vida pessoal, incluindo o fim de seu casamento e a perda de momentos importantes com a família. Ela enfatiza que a dor do desaparecimento é uma "ferida que não cicatriza" e que a incerteza é pior do que a morte. Ela mantém a esperança de reencontrar Fabiana e continua na luta atrás de respostas.

4.4.6 AÇÕES IMEDIATAS EM CASO DE DESAPARECIMENTO

O capítulo Ações imediatas em caso de desaparecimento oferece um guia prático e detalhado sobre os passos a serem seguidos quando um ente querido desaparece, com base na Cartilha de Enfrentamento ao Desaparecimento: orientações e direitos na busca de uma pessoa desaparecida. O objetivo é aumentar as chances de localização rápida e eficaz, além de fornecer suporte emocional e prático para as famílias. Orientações práticas:

1. **Registrar o Boletim de Ocorrência imediatamente:** Não aceitar a exigência de esperar 48 horas. Insistir para que o BO seja registrado.
2. **Divulgar amplamente:** Utilizar redes sociais, mídia local e nacional para divulgar fotos e características do desaparecido.
3. **Mobilizar a comunidade:** Formar grupos de busca e envolver amigos, familiares e vizinhos nas buscas.
4. **Procurar em hospitais e IMLs:** Visitar hospitais e Institutos Médico Legal para verificar se o desaparecido foi atendido ou registrado.
5. **Utilizar redes de apoio:** Contatar ONGs e grupos de apoio como Mães da Sé e Mães em Luta para obter orientação e suporte.
6. **Manter a esperança e a persistência:** Continuar as buscas e a divulgação, mesmo diante de dificuldades e falta de respostas imediatas.

O capítulo enfatiza que a rapidez e a persistência são cruciais para aumentar as chances de encontrar pessoas desaparecidas. Ele também destaca a necessidade de sensibilizar a sociedade e as autoridades para que tratem esses casos com a urgência e a seriedade que merecem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livro-reportagem-depoimento oferece um olhar profundo e sensível sobre as sequelas do desaparecimento de filhos(as) na vida de suas mães. Através dos relatos de Eliane Trindade Pires Nascimento, Maria do Socorro Monteiro Feitosa, Vera Lúcia Ranu e Ivanise Esperidião da Silva Santos, é possível compreender a dimensão do impacto emocional, psicológico e social que esses eventos traumáticos causam.

Os depoimentos revelam que o desaparecimento de um filho provoca uma dor contínua e uma sensação de luto inacabado. As mães relatam sentimento de culpa, desespero e uma constante incerteza que agrava o sofrimento. A ausência de respostas concretas sobre o paradeiro dos filhos impede o fechamento emocional, resultando em uma ferida que não cicatriza. Muitas dessas mães desenvolvem problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, e necessitam de apoio psicológico para lidar com a situação.

O desaparecimento afeta também profundamente a dinâmica familiar. As mães frequentemente relatam rupturas nos relacionamentos, como separações conjugais, e dificuldades em manter a estabilidade emocional dos outros filhos. A busca incessante pelo desaparecido muitas vezes leva ao isolamento social, pois essas mães dedicam grande parte de suas vidas à procura, negligenciando outras áreas de suas vidas.

Os relatos destacam a importância da mobilização e do apoio mútuo entre as mães de desaparecidos. A criação de organizações como Mães da Sé e Mães em Luta demonstra a necessidade de visibilidade e ação coletiva para pressionar as autoridades e sensibilizar a sociedade. Essas organizações não apenas oferecem suporte emocional, mas também orientam sobre os procedimentos legais e práticos a serem seguidos em casos de desaparecimento.

O livro evidencia a ineficácia e a burocracia do sistema de justiça e das autoridades em lidar com casos de desaparecimento. A falta de uma resposta imediata e a minimização dos casos por parte das autoridades são criticadas, mostrando a necessidade de reformas e de uma abordagem mais eficiente.

Este livro-reportagem-depoimento não apenas documenta as histórias de dor e luta dessas mães, mas também serve como um chamado à ação para a sociedade e as autoridades. É essencial que haja uma maior conscientização sobre o problema dos desaparecimentos e que sejam implementadas políticas públicas eficazes para prevenir e resolver esses casos. A resiliência e a esperança dessas mães são um testemunho poderoso da necessidade por justiça e respostas, garantindo que suas vozes não sejam silenciadas e que suas histórias inspirem mudanças significativas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assunção, Bárbara Aline Ferreira. **Livro-Reportagem: O Jornalista Como Autor**. RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber, Brasil, v. 1, n. 5, p. 182–187, 2024.

Brasil. **Lei nº 13.812: Política Nacional de Pessoas Desaparecidas**, de 16 de março de 2019.

Comitê Internacional Da Cruz Vermelha. **“Ainda? essa é a palavra que mais dói”**: Avaliação das necessidades de familiares de pessoas desaparecidas em contexto de violência e outras circunstâncias no estado de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/document/ainda-essa-e-palavra-que-mais-doi>

Ferreira, Letícia Carvalho de Mesquita. **De problema de família a problema social: notas etnográficas sobre o desaparecimento de pessoas no Brasil contemporâneo**. Anuário Antropológico [online], v. 38, n. 1, 2013.

Fórum Brasileiro De Segurança Pública. **Desaparecidos no Brasil: da contagem de registros às responsabilidades do Estado**. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/08/anuario-2023-texto-04-desaparecidos-no-brasil-da-contagem-de-registros-as-responsabilidades-do-estado.pdf>

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 16, 2023.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 15, 2022.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 14, 2021.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 13, 2020.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 12, 2019.

Jesus, Wallace. **Cerca de 63 mil pessoas desapareceram no último ano no Brasil. Como reagem as famílias**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/cerca-de-63-mil-pessoas-desapareceram-no-ultimo-ano-no-brasil-como-reagem-as-familias/>.

Lima, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

Lima, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3 ed. Barueri, SP: Manole, 2004.

_____. **Jornalismo literário para iniciantes**. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2014.

Lovizon, K; Victor, C. **Os Critérios De Noticiabilidade Na Perspectiva Do Jornalismo Humanitário**. 2020. Disponível em: <http://www.metodista.br/congressos-cientificos/index.php/Congresso2020/COM2020/paper/view/11168>

Maciel, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**. Recife, 2018.

Melo, José Marques de. **Opinião do jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985. Acesso em: 30 out. 2024.

Ministério Público Do Estado De São Paulo. **Cartilha de Prevenção e Enfrentamento ao Desaparecimento**: Orientações preventivas e direitos na busca de uma pessoa desaparecida, 2016.

Oliveira, Sandra Rodrigues. **Onde está você agora além de aqui, dentro de mim? – O luto das mães de crianças desaparecidas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2008.

Traquina, N. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

ANEXO I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Mães de Desaparecidos: Relatos sobre a ausência de respostas

Pesquisador Responsável: **Walace de Jesus**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo. O objetivo desta pesquisa é coletar relatos sobre as sequelas dos desaparecimentos na vida das mães e tem como justificativa ampliar a temática dentro dos espaços de debate da sociedade.

Se o(a) Sr.(a) aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação são os seguintes: tempo médio de entrevista de 45 minutos com pontuais retorno de contato para esclarecimento de dúvidas.

Toda pesquisa com seres humanos envolve algum tipo de risco. No nosso estudo, os possíveis riscos ou desconfortos decorrentes da participação na pesquisa são relacionados à recuperação de memórias, gatilhos emocionais e ansiedade. Contudo, esta pesquisa também pode trazer benefícios. Os possíveis benefícios resultantes da participação na pesquisa são divulgar a história do ente desaparecido, compartilhar sua história com outras mães e ampliar o debate sobre o assunto.

Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo quando solicitado ou for conveniente. Seu nome não será mantido em sigilo.

Caso o(a) Sr.(a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Wallace de Jesus, no telefone (11) 9 1357-4303, no endereço Rua Álvaro Fragoso, 280 ou pelo e-mail (walace.jesus@usp.br). Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) e a outra para os pesquisadores. Concordo em participar do estudo intitulado: Mães de Desaparecidos: Relatos sobre a ausência de respostas

<hr/> Nome do participante ou responsável <hr/> Assinatura do participante ou responsável	 Data: ____/____/____
--	----------------------------------

Eu, Wallace de Jesus, declaro cumprir as exigências contidas nesta declaração.

<hr/> Assinatura e carimbo do Pesquisador	 Data: ____/____/____
--	------------------------------

ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM

Mães de Desaparecidos: Relatos sobre a ausência de respostas

Autor Responsável: **Walace de Jesus**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, titular da Cédula de Identidade RG nº _____, e inscrito(a) no CPF sob o nº _____, pelo presente instrumento, autorizo, em caráter definitivo, a título gratuito e por prazo indeterminado, a utilização de minha imagem e nome, na qualidade de participante do livro intitulado **Mães de Desaparecidos: Relatos sobre a Ausência de Respostas**, escrito por Wallace de Jesus, como trabalho de conclusão de curso sob orientação da profa. Dra. Mônica de Fátima Rodrigues Nunes Vieira, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Minha imagem, som de voz e nome podem ser utilizadas para divulgação ao público em geral dos resultados acadêmicos da disciplina e/ou para formação de acervo histórico acadêmico e/ou análise e publicação do livro. Por ser esta a expressão da minha vontade, declaro que autorizo os usos acima descritos sem que nada haja a ser reclamado, a título de direitos autorais conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, ____ de dezembro de 2024

Nome:

Assinatura:
